

**É O DEUS DA BÍBLIA
VINGATIVO, VIOLENTO E EXTERMINADOR?
VIOLÊNCIA E EXTERMÍNIO NO
LIVRO DO DEUTERONÔMIO**

*Pedro Kramer**

Resumo

A violência e o extermínio de pessoas e de populações de cidades e de nações é um tema tratado no Antigo Testamento com relativa frequência. Seus redatores falam deste assunto e o denunciam. Eles não o abafam e nem o escondem. Os redatores dos livros do Deuteronômio e de Josué abordam esta temática com muita frequência e com um linguajar chocante e escandaloso porque colocam na boca de Deus a ordem de exterminar completamente pessoas e populações inteiras. O redator de Dt 29–30, no entanto, relê os textos mais antigos do Deuteronômio e os corrige, porque ele acredita no Deus Libertador e Criador. Para ele, um Deus que legitima a violência e ordena o extermínio de pessoas é falso. Ele é um ídolo. Sua proposta é: não à violência e não ao extermínio de seres humanos!

Palavras-chave: *Violência. Extermínio. Deus. Antigo Testamento. Deuteronômio.*

Abstract

The violence and the extermination of people and populations of cities and nations is a theme dealt in the Old Testament with relative frequency. Its editors speak of this matter and denounce it. They do not stifle him or hide him. The writers of the books of Deuteronomy and Joshua approach this subject very often and with a shocking and scandalous language because they put in the mouth of God the order to complete extermination of entire

* Doutor em Teologia, na área do Antigo Testamento, com a tese doutoral: “Origem e legislação do Deuteronômio. Programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos”, no Instituto Ecumênico de Pós-graduação, São Leopoldo, RS. Professor de Antigo Testamento, História de Israel na FAPAS – Faculdade Palotina, Santa Maria, RS, e assessor de cursos bíblicos a nível popular.

peoples and populations. The redactor of Dt 29-30, however, read again the older texts of Deuteronomy and corrects them, because he believes in the Liberator and Creator God. For him, a God who legitimizes violence and orders the extermination of people is false. He is an idol. His proposal is not to violence and not to the extermination of human beings!

Keywords: *Violence. Extermination. God. Old Testament. Deuteronomy.*

Introdução

Uma das páginas mais chocantes e escandalosas da Bíblia é aquela que fala da violência e do extermínio de pessoas e de populações inteiras de cidades e nações. E para completar a dose, esta violência e este aniquilamento total devem ser postos em prática em nome de Deus e a partir de uma ordem explícita sua. Este estudo procura responder à questão como este assunto entrou na Bíblia, quando e por quem. A pergunta quase incompreensível é esta: Como é possível que um israelita que crê no Deus Libertador da escravidão egípcia e no Deus Criador amoroso de todas as coisas possa ordenar o extermínio total e completo de populações inteiras de cidades e nações e com um linguajar impactante, chocante e escandaloso? A tentação de censurar a Bíblia, podando dela todas as passagens que falam da violência e do aniquilamento total e completo de pessoas e de populações inteiras, por ordem explícita de Deus, certamente já surgiu mais vezes em todos nós. Mas, a fórmula de advertência várias vezes repetida na Bíblia: *Nada acrescentarás e nada tirarás!* (Dt 13,1), conteve este ímpeto irracional.

E, além disso, não se quer repetir o erro de Marcião em meados do século II que, no seu esforço para obter uma Bíblia cristã e livre da violência, não só rejeitou todo o Antigo Testamento, mas conservou apenas o Evangelho segundo Lucas e dez cartas do Apóstolo Paulo que ele “purificou” de toda a violência através da sua poda de textos. E menos ainda se aceita a intervenção do Papa Paulo VI que, na “Introdução Geral à Liturgia das Horas”, de 1971, impôs a exclusão do Livro da Liturgia das Horas de três salmos inteiros e de passagens de outros dezenove salmos¹.

O estudo da violência e do extermínio na Bíblia se restringe ao livro do Deuterônomo. Para, no entanto, entender melhor por que sobretudo este tema aparece com mais frequência no livro do Deuterônomo (e também no de Josué) apresenta-se na primeira parte um panorama histórico sintético da violência e do aniquilamento de pessoas em outros livros da Bíblia. Na terceira parte serão analisados textos que proíbem radicalmente todo o tipo de violência e o extermínio

1. ZENGER, Erich. *Ein Gott der Rache? – Feindpsalmen verstehen*. Freiburg/Basel/Wien: Herder, 1998. p. 43-73. Especialmente p. 52-61.

de pessoas, através da comparação do primeiro com o terceiro discurso de Moisés. Algumas conclusões e as referências concluem este estudo.

1. Violência e extermínio no Antigo Testamento

Inicialmente visa-se focar o tema da violência e do extermínio em alguns livros do Antigo Testamento, excetuando os escritos da Obra Histórica Deuteronomista, isto é, os livros do Deuteronomio até o segundo livro dos Reis, ou seja, os livros Deuteronomio, Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis. Estes receberão uma atenção especial porque a temática da violência e do extermínio aparece com mais frequência neles, especialmente no livro do Deuteronomio (e no de Josué). Eles serão objeto de estudo no segundo e no terceiro pontos deste trabalho.

1.1 “Guerra santa”: uma criação dos israelitas?

Para poder entender melhor o uso da violência e o extermínio de pessoas no livro do Deuteronomio é importante e necessário abordar o tema do uso da violência em outros escritos do Antigo Testamento. Este assunto, no entanto, será abordado de modo sintético apenas para perceber por que o tema da violência no Deuteronomio (e no livro de Josué) é tratado neles com mais detalhes do que nos demais escritos do Antigo Testamento. Para apresentar este panorama da violência e do extermínio de pessoas nos livros do Antigo Testamento pode-se seguir a inspiração de N. Lohfink² em estudos feitos por ele.

O estudo de textos que falam da violência empregada pelo povo de Israel na sua história durante o período bíblico levou este exegeta alemão a algumas observações interessantes. Ele primeiramente constata que os israelitas no primeiro milênio da sua história fizeram mais guerras e exterminaram mais gente do que no segundo milênio da sua história. Isto quer dizer que os redatores dos livros bíblicos testemunham uma constante diminuição das guerras feitas pelo exército israelita. A esta tendência pacifista, no entanto, este povo nem sempre conseguiu ser fiel. Mas, mesmo assim, pode-se afirmar, sem medo de errar, que os israelitas fizeram menos guerras e subjugaram menos povos do que os povos que os rodeavam.

Ele, em segundo lugar, observa que os redatores bíblicos falam abertamente da violência e do extermínio de pessoas e abordaram com mais intensidade este tema do que os autores dos escritos extrabíblicos. Em vista disso, ele tem a

2. LOHFINK, Norbert. “Der ‘heilige Krieg’ und der ‘Bann’ in der Bibel”. In: Georg Braulik (org.). *Materialien zur Fundamentalexegese des Alten Testaments*. Wien: 1997, p. 33-41. Manuscrito impresso. LOHFINK, Norbert. *Verbetes haram/herem*. Theologisches Woerterbuch zum Alten Testament. Band III. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1982, p. 192-213.

impressão de que na Bíblia corre muito mais sangue e há mais gritos de guerra do que na literatura dos povos vizinhos de Israel. A causa da abordagem mais frequente da violência e do extermínio de pessoas consiste no fato de que a Bíblia não encobre a triste realidade da violência e da guerra e nem as transforma em tabu. Esta atitude dos redatores bíblicos é inegavelmente louvável. Porque só se acaba com a violência e o massacre de pessoas falando abertamente e sem rodeios deste assunto lamentável. Esta brutal realidade deve ser desmascarada por todos os meios e formas e não encoberta. Se, portanto, os redatores bíblicos tematizam a realidade da violência e do aniquilamento total de pessoas com relativa frequência, então, eles visam com isto provocar nas pessoas atitudes antiviolentas e convidá-las para decididos projetos de paz. Quem, por outro lado, quer manter estruturas de guerra e de massacre de pessoas, encobre disfarçadamente esta terrível realidade e procura sufocá-la³.

Este biblista alemão, em terceiro lugar, constata que a expressão “guerra santa” não se encontra no Antigo Testamento. A perícopes que mais se aproxima desta expressão fala da convocação para “santificar a guerra” em Jl 4,9-10. Esta convocação para “santificar a guerra”, no entanto, não é dirigida ao exército do povo de Israel, mas aos exércitos de outros povos que declararam guerra contra os israelitas. Estes, aliás, nem partem para a guerra, mas são salvos pela intervenção libertadora de Iavé. A expressão “guerra santa”, portanto, não foi criada pelo povo de Israel e nem se encontra no seu livro sagrado.

Por outro lado, deve-se afirmar que na Antiguidade a guerra de qualquer povo foi sempre considerada uma “guerra santa”. Porque os reis antes de partir para a guerra consultavam seus deuses através de sacerdotes e de profetas para saber se ela era oportuna ou não. Para conseguir o parecer favorável e a aprovação dos seus deuses eram oferecidos sacrifícios para pedir deles sua ajuda e sua proteção em vista da vitória. E, além disso, os generais da guerra convidavam sacerdotes para que estes se dirigissem aos soldados para, em nome das divindades, inculcar neles ânimo e coragem, e garantir-lhes antecipadamente a certeza da vitória. Se, porventura, os responsáveis pelo exército israelita agiam do mesmo modo como seus vizinhos, então, eles apenas estavam seguindo os costumes comuns da época. Isto, no entanto, não prova que eles sejam os criadores da expressão “guerra santa”. Ela, em todo o caso, não é uma característica típica dos israelitas⁴.

1.2 Violência e extermínio em livros do Antigo Testamento: “A terra encheu-se de violência” (Gn 6,11)

1) Após as observações iniciais de N. Lohfink sobre o modo de preparar a guerra dos israelitas e sobre seu jeito de executá-la, este exegeta procura analisar

3. LOHFINK, N. Op. cit., 1997, p. 34-35.

4. LOHFINK, N. Op. cit., 1997, p. 33-34.

as passagens que tratam da violência e do extermínio de pessoas nos diferentes escritos da Bíblia. Ele primeiramente constata que a violência é, para os redatores bíblicos, uma maldade tão grande e tão absurda que pode pôr em risco o futuro da humanidade e de todo um povo. Este testemunho ele encontra destacado em Gn 6,11-12: *A terra se perverteu diante de Deus e encheu-se de violência. Deus viu a terra: estava pervertida, porque toda a carne tinha uma conduta perversa sobre a terra.* A descrição da violência é apresentada neste contexto literário como uma espécie de pecado-origem porque ela é a causa do dilúvio que provocou a destruição de tudo, exceto de Noé, da sua esposa e dos seus três filhos com suas respectivas mulheres. Esta violência cega e desenfreada só podia provocar esta reação de Deus: *Iahweh disse: “Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei – e com os homens os animais, os répteis e as aves do céu – porque me arrependo de os ter feito”* (Gn 6,7). Por causa desta violência e do dilúvio que causaram a destruição de tudo, Noé, sua esposa e seus três filhos com suas respectivas esposas se tornaram o reinício da humanidade. Noé e sua família são o oposto das pessoas violentas da época pré-diluviana.

2) Um texto da literatura profética constata no século VIII a.C. algo semelhante ao período pré-diluviano: *Não há fidelidade nem amor, nem conhecimento de Deus na terra, mas perjúrio e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência, e o sangue derramado soma-se ao sangue derramado. Por isso, a terra se lamentará, desfalecerão todos os seus habitantes e desaparecerão os animais dos campos, as aves dos céus e até os peixes do mar* (Os 4,1-3; Mq 7,2).

3) A violência constatada e denunciada no século VIII a.C. cresceu ainda mais nos séculos seguintes causando até a destruição do Reino do Norte de Israel em 722 a.C. e do Reino de Judá em 587 a.C. O redator do segundo livro dos Reis sintetiza assim a violência praticada pelo rei de Judá Manassés: *Por causa do sangue inocente que ele havia derramado, inundando Jerusalém de sangue inocente, Iahweh não quis perdoar* (2Rs 24,4). Portanto, as três passagens extraídas dos conjuntos literários diferentes da Bíblia – Pentateuco, literatura profética e um livro histórico – testemunham que a violência é um mal tão grande que pode provocar o fim da humanidade e a destruição de toda uma nação. Os redatores destes textos sagrados desmascaram abertamente a violência e mostram sem rodeios suas terríveis consequências.

4) Além destes textos selecionados dos três conjuntos literários da Bíblia, há ainda outros, cujos redatores se revoltam contra a violência, impondo aos violentos duras sanções para que ela acabe de uma vez por todas. Um destes textos é a história de Caim que matou brutalmente seu inocente irmão Abel. Esta violência fria, calculada e traiçoeira não podia ficar impune. Até o próprio Deus interveio: *Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim! Agora, és maldito e expulso do solo fértil que abriu a boca para receber de tua mão o sangue de teu irmão* (Gn 4,10-11). Deus condena o assassinato, mas protege Caim: *Iahweh colocou um sinal sobre Caim, a fim de que não fosse morto* (Gn 4,15).

5) Ao lado deste testemunho do redator do livro do Gênesis encontra-se toda a tradição profética do povo de Israel. Seus oráculos também desmascaram a violência, afirmando ser impossível oferecer sacrifícios agradáveis a Deus quando as mãos dos ofertantes estão cheias de sangue das vítimas dos animais e das pessoas inocentemente assassinadas. Os profetas não só condenam a violência praticada contra inocentes e justos, mas convidam os violentos à conversão: *Quando estendeis vossas mãos, desvio os meus olhos; ainda que multipliqueis a oração não vos ouvirei. Vossas mãos estão cheias de sangue: lavai-vos, purificai-vos! Tirai de minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva* (Is 1,15-17).

6) Outro grupo de textos bíblicos registra a contenção da violência entre os israelitas e destaca o crescimento da consciência de que eles deviam viver como irmãos e irmãs. Em vista disso, nas celebrações no templo de Jerusalém ninguém podia ser excluído e marginalizado. Por exemplo, na festa das Tendões no santuário central os participantes dela devem ser todos, sem nenhuma exclusão: *Tu, teu filho e tua filha, teu servo e tua serva, o levita e o estrangeiro, o órfão e a viúva que vivem nas tuas cidades* (Dt 16,14). No Código da Aliança há até a prescrição que ordena ao israelita a devolução do boi e do jumento ao inimigo se ele os encontrar soltos em algum lugar: *Se encontrares o boi do teu inimigo, ou o seu jumento, desgarrado, lho reconduzirás* (Ex 23,4-5). Na Lei da Santidade, obra escrita durante o tempo de exílio dos israelitas na Babilônia, não só se prescreve o amor ao próximo (Lv 19,18), mas também ao estrangeiro (Lv 19,33-34). Na história do encontro de José com seus irmãos no Egito, ele abdica totalmente da violência e da vingança para com seus irmãos e opta pela reconciliação com eles: *Ele cobriu de beijos todos os seus irmãos e, abraçando-os, chorou* (Gn 45,15). Nos salmos de lamentação os redatores chegaram à conclusão de que a vingança, que é a devolução da violência sofrida, não deve mais ser praticada pelas próprias mãos, mas ser entregue a Deus para que ele faça justiça do seu jeito. Se os redatores deste tipo de salmos confiam a Deus a vingança dos inimigos, então eles estão claramente renunciando à vingança e à violência nas relações interpessoais: *Iahweh, Deus das vinganças, aparece Deus das vinganças! Levanta-te, ó juiz da terra, devolve o merecido aos soberbos* (Sl 94,1-2).

7) Há ainda outro grupo de textos, especialmente proféticos, nos quais os profetas pedem aos reis para que renunciem à guerra, abdicuem da violência e evitem o banho de sangue da população inocente. Em vista disso, o profeta Isaías suplica ao rei Acáz para que não se meta na guerra contra os reis do Reino do Norte e da Síria e nem busque o auxílio do rei assírio Teglát-Falasar, mas confie unicamente na ajuda de Iavé: *Toma as tuas precauções, mas conserva a calma e não tenhas medo* (Is 7,4). O profeta Jeremias até recomenda ao rei Sedecias de Judá para que se submeta aos babilônios porque um enfrentamento

militar significaria um banho de sangue e, além disso, uma derrota vergonhosa: *Submetei o vosso pescoço ao jugo do rei da Babilônia; servi a ele e a seu povo, e vivereis* (Jr 27,12). O profeta anônimo, que redigiu os oráculos no conjunto literário Is 40–55 durante o exílio babilônico, preferiu ficar entre os perseguidos do que estar do lado dos perseguidores. Esta decisão ele concretiza na figura do Servo de Iavé que opta por estar do lado dos perseguidos do que cometer violência e injustiça como fazem muitos perseguidores (Is 42,1-9; 50,4-9; 52,13–53,12). A proposta pacifista destes profetas é muito evidente.

8) Há também redatores bíblicos que perceberam que a violência só gera violência. Em vista disso, elaboraram textos, nos quais transparece a esperança de que é muito melhor viver num mundo sem violência, sem guerra e sem extermínio de pessoas e de povos. Eles explicitam seus sonhos e suas utopias, elaborando textos segundo os quais vai chegar o dia em que as pessoas e os povos *quebrarão as suas espadas, transformando-as em relhas, e suas lanças, a fim de fazerem podadeiras* (Is 2,1-5; Mq 4,1-4; Zc 9,9-10; Is 11,1-9). Os instrumentos de guerra são transformados em meios de trabalho que desenvolvem as pessoas e geram mais vida.

1.3 “Iavé dos Exércitos”: Deus da violência, da vingança e do extermínio?

O testemunho tão diferente dos redatores dos textos da Bíblia a respeito da violência e do extermínio total de pessoas, acima apresentado, é apenas uma amostra a respeito da multiforme compreensão e da prática da violência no decorrer da história do povo de Israel. Esta mostrou que a violência e o aniquilamento de pessoas e povos teve uma relativa diminuição. Uma das causas da redução do emprego da violência e do massacre de pessoas provém, com toda a certeza, também da mudança da compreensão e da imagem do Deus Iavé que os israelitas tinham dele. A imagem do “Deus dos exércitos”, que age com violência ou manda empregá-la no extermínio de pessoas e povos, mudou no decorrer da história.

Em vista disso, o livro de Jonas testemunha que Deus não necessita de empregar violência, mas age com misericórdia na conversão dos habitantes de Nínive. Estes, que eram proverbiais no uso da violência e da brutalidade para com os povos vencidos, se converteram pela pregação do profeta Jonas. Esta mudança na compreensão da ação do Deus Iavé no livro de Jonas transparece também no livro do profeta Sofonias. O “dia de Iavé” é compreendido como um dia violento de acerto de contas e muito destruidor: *No dia da cólera de Iahweh, no fogo de seu zelo toda a terra será devorada. Pois ele destruirá, sim, ele exterminará todos os habitantes da terra* (Sf 1,18; 1,14-18). Esta imagem de Iavé, um Deus violento e vingador e que incute medo e terror, é transformada neste mesmo livro na figura de Iavé como um Deus Libertador e próximo do seu povo: *Iahweh, o teu Deus,*

está no meio de ti, um herói que salva! Ele exulta de alegria por tua causa, estremece em seu amor, ele se regozija por tua causa com gritos de alegria (Sf 3,17; 3,8-17). E, além disso, o próprio João Batista deixa transparecer na sua pregação que ele esperava um julgamento de Deus com violência e com fogo devorador (Mt 3,10-12). Jesus, no entanto, com sua mensagem do Reino de Deus pede a conversão dos seus ouvintes para esta sua proposta do Reino de Deus. Suas atitudes são geralmente marcadas pelo respeito e pelo amor às pessoas e igualmente as convida à renúncia da violência.

2. Violência e extermínio no livro do Deuteronômio: “Saberás hoje que Iahweh teu Deus exterminará os Enacim. Tu os farás perecer, conforme te falou Iahweh teu Deus” (Dt 9,3).

Após a descrição da violência e das suas consequências na história do povo de Israel em alguns livros do Antigo Testamento que tratam deste tema, é necessário debruçar-se sobre aqueles que mais frequentemente usam os termos “violência” e “extermínio”. Para N. Lohfink, os verbetes *haram/herem* aparecem mais vezes na Obra Histórica Deuteronômica, ou seja, no conjunto de escritos do Deuteronômio até 2 Reis. Porque enquanto que o verbo *haram*, no hifil, aparece no Antigo Testamento 48 vezes, ele é empregado no Deuteronômio até 2 Reis 33 vezes. A mesma proporção pode ser constatada no uso do substantivo *herem*: no Antigo Testamento ele aparece 29 vezes e no Deuteronômio até 2 Reis, 18 vezes⁵. Em vista desta estatística, nossa concentração recai agora sobre o significado destes verbetes e porque eles são tão frequentemente usados na literatura deuteronômica e deuteronômica, especialmente nos livros do Deuteronômio e de Josué. Porque quase a metade do emprego destes verbetes aparece nestes dois livros⁶.

Estes dois verbetes são traduzidos para o português nas nossas bíblias de forma bastante diferente. A tradução literal de Dt 7,26, onde o substantivo *herem* é duas vezes empregado, soa assim: *Não introduzirás abominação na tua casa; tu serias consagrado ao extermínio como ela. Detesta-a e abomina-a fortemente porque ela está consagrada ao extermínio*. A Bíblia de JERUSALÉM traduz o substantivo hebraico *herem* pelo termo “anátema”. Ela se aproxima bastante da tradução deste vocábulo para o grego na Bíblia Septuaginta, *anáthema*. A Bíblia VOZES traduz o substantivo hebraico para o português pelo termo “extermínio”; e a Bíblia TEB o versa pelo vocábulo “interdito”:

5. LOHFINK, N. Op. cit., 1982, p. 123.

6. O verbo *haram*, no hifil, aparece em Dt 2,34; 3,6 (2x); 7,2; 13,16 (cidade israelita sacrificada como anátema); 20,17. O substantivo *herem* é usado em Dt 7,26 (2x e é aplicado à imagem de deuses); 13,18 (cidade israelita sacrificada como anátema com seus bens). No livro de Josué estes dois verbetes aparecem em Js 2,10; 6,18.21; 8,26; 10,1.28.35.39.40; 11,11.12.20.21.

Bíblia de JERUSALÉM	Bíblia VOZES	Bíblia TEB
<i>Não introduzirás uma coisa abominável em tua casa: Tu te <u>tornarias anátema</u> como ela. Considera-as como coisas imundas e abomináveis, pois elas são <u>anátemas</u>.</i>	<i>Não deverás introduzir abominação em casa para não seres <u>condenado</u> também ao <u>extermínio</u>. Detesta-a e abomina-a com extremo horror por ser coisa <u>votada ao extermínio</u>.</i>	<i>Não admitirás um objeto abominável na tua casa, pois serias <u>votado ao interdito</u>, como ele. Tu o reprovarás completamente e o considerarás uma abominação, pois está <u>votado ao interdito</u>.</i>

As palavras portuguesas “anátema, extermínio, interdito” escolhidas pelos tradutores do termo hebraico *herem* parecem ter sentidos diferentes. Isto se torna mais visível quando o substantivo é relacionado com os respectivos verbos “tornar-se anátema”, “condenar ao extermínio”, “votar ao interdito”. Em vista disso, é preferível traduzir o substantivo hebraico bem como o verbo *haram* por “consagrar ao extermínio” porque assim transparece melhor a realidade de uma pessoa ou um animal ou uma coisa ser consagrada a uma divindade num santuário e aí ser “exterminada, aniquilada, massacrada, destruída” em honra da respectiva divindade.

2.1 Violência e extermínio: prática dos povos vizinhos de Israel. Foi o povo de Israel influenciado por seus costumes?

Desde a saída dos hebreus do Egito, sob a liderança de Moisés, eles foram influenciados pela cultura, pela religião, pelos costumes e pelas leis dos povos com quem entravam em contato. Isto ocorreu sobretudo quando o povo de Israel ocupou o país de Canaã. Era impossível não entrar em contato com os povos vizinhos e, principalmente, quando eles foram dominados pelas potências internacionais que se sucederam na história: assírios, babilônios, persas, gregos e romanos. Seus contatos não eram apenas relações pacíficas, mas muitas vezes eram conflituosas e bélicas. O modo de fazer guerra dos assírios, por exemplo, bem como sua crueldade no tratamento dos vencidos e sua forma de descrevê-la como propaganda do seu poderio militar, influenciaram os israelitas.

a) Os estudiosos⁷ descobriram que os textos mais violentos da Bíblia, que descrevem o extermínio de pessoas e de populações inteiras de cidades e de nações, foram escritos por redatores bíblicos nos séculos VII e VI a.C. Foi neste tempo que eles relataram as guerras dos israelitas em vista da ocupação da terra prometida pelo ano 1200 a.C., sob a liderança de Moisés e de Josué. Eles supõem que os textos destes redatores bíblicos teriam sido influenciados pela prática de

7. LOHFINK, N. Op. cit., 1997. p. 40-41. BRAULIK, Georg. *Deuteronomium II 16,18-34,12*. Kommentar zum Alten Testament. NEB 28. Wuerzburg: Echter Verlag, 1992, p. 148-151.

guerra dos assírios e pela forma como eles a descreviam. Nos textos extrabíblicos há, no entanto, apenas um testemunho histórico que comprova a existência do extermínio de toda a população de uma cidade. Este se encontra na inscrição da estela do rei Mesa de Moab, datada em meados do século IX a.C. e encontrada em Dibon em 1868. Segundo esta inscrição, o rei Mesa mandou aniquilar 7.000 pessoas da cidade israelita de Nebo e recolher os objetos de culto usados em honra a Iavé no templo do deus Camos (2Rs 3,4-27)⁸.

Além deste testemunho histórico do extermínio de toda a população de uma cidade israelita conforme o relato da inscrição do rei Mesa de Moab pelo ano 840 a.C., vários biblistas supõem que, de fato, havia o costume entre os povos vizinhos de Israel de aniquilar pessoas, populações inteiras de cidades e povos nas guerras. Eles, além disso, estão convencidos de que seu costume e sua prática violenta de guerrear influenciaram os israelitas a tal ponto que também eles assumiram o costume bárbaro e brutal deles de fazer guerra. Ao lado disso, deve-se também afirmar que o extermínio de populações na guerra não era uma técnica bélica normal, mas uma exceção ocasional. Em vista disso, um general de guerra podia ordenar o massacre de toda a população, em casos especiais, em virtude de uma promessa, de um oráculo ou de um decreto seu.

b) Este costume e esta prática, adotados pelos israelitas por influência dos povos vizinhos, passaram a ser designados entre eles pelos vocábulos hebraicos *haram/herem*. Estes termos têm o significado de “anatematizar, exterminar, aniquilar, massacrar”. Na história inicial do povo de Israel, o “extermínio” começou a ser aplicado como pena aos israelitas quando abandonavam o Deus Iavé e começaram a cultuar outros deuses. Esta apostasia era considerada um crime de lesa-majestade. Ela devia ser punida com o “anátema, extermínio”: *Quem sacrificar a outros deuses, fora Iahweh, será entregue ao anátema* (Ex 22,19). Este aniquilamento de israelitas infiéis, no entanto, se diferenciava da simples pena de morte porque também a família e os bens deste anatematizado deveriam ser destruídos. Na legislação deuteronômica há um caso em que o castigo do *herem*, isto é, do “extermínio”, foi aplicado aos habitantes de uma cidade israelita porque abandonaram Iavé e optaram por deuses falsos: *Tu deverás então passar ao fio da espada os habitantes daquela cidade. Tu sacrificarás como anátema, juntamente com tudo o que nela existe. Reunirás todos os seus despojos no meio da praça pública, e queimarás completamente a cidade e todos os seus despojos para Iahweh teu Deus* (Dt 13,16-17).

c) O estudo que N. Lohfink⁹ fez sobre este tema o levou a concluir que a aplicação do castigo de “extermínio” total tornou-se nos textos bíblicos mais recentes

8. DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Da época da divisão do Reino até Alexandre Magno. V. 2. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal. 1997, p. 317-318.

9. LOHFINK, N. Op. cit., 1997, p. 39.

cada vez mais branda. Um dos motivos era certamente a convicção destes redatores bíblicos de que o extermínio de pessoas e de populações inteiras de cidades e de povos, ordenado por Iavé, era um problema teológico muito sério. Em vista disso, ele constata que o redator da Obra Histórica Sacerdotal (P), de tendência pacifista, abrandou a aplicação do castigo de extermínio: *Nada do que alguém consagra a Iahweh, por anátema, pode ser vendido ou resgatado, quer seja homem, animal ou campos do seu patrimônio. Todo anátema é coisa santíssima que pertence a Iahweh. Nenhum ser humano votado ao anátema poderá ser resgatado; será morto* (Lv 27,28-29; Esd 10,8). O Talmud é outro exemplo na linha da suavização da aplicação da pena do extermínio. Porque este tem apenas o sentido de expulsão da sinagoga. Um ilustre judeu expulso da sinagoga foi, por exemplo, o filósofo Spinoza.

2.2 Violência e extermínio na guerra de conquista da terra prometida: “Saberás hoje que Iahweh teu Deus vai atravessar à tua frente como um fogo devorador” (Dt 9,3)

1) Sob este título visa-se procurar entender por que a aplicação do “extermínio” total aparece com tanta frequência e com tamanha brutalidade e, além disso, ordenado pelo Deus Iavé, nos livros do Deuteronomio (Dt 2–3; 7; 9) e de Josué (Js 6–11). Para poder entender melhor a parte mais horrível da Bíblia, o exegeta N. Lohfink¹⁰ observa que primeiramente deve-se partir do fato de que os livros do Deuteronomio e de Josué foram escritos nos séculos VII e VI a.C. E que foi apenas nesse tempo que os redatores deuteronomícos e deuteronomistas relataram as guerras dos israelitas contra os povos cananeus por ocasião da conquista da terra prometida pelo ano 1200 a.C., sob a liderança de Moisés e de Josué. Há, portanto, uma diferença de séculos entre o fato da conquista da terra prometida e a redação por escrito da sua ocupação. Outra premissa necessária deste biblista é a pergunta pelo valor histórico desses textos escritos meio milênio depois dos fatos acontecidos, tendo em mente que seus redatores não presenciaram tais guerras e nem dispunham de fontes históricas fidedignas. Sua terceira premissa se refere ao sentido e à finalidade dos redatores bíblicos ao colocar por escrito, após meio milênio de anos, o aniquilamento dos sete povos cananeus levando em conta que eles já há vários séculos não existiam mais e que alguns deles talvez nunca tenham existido, a não ser através de contos lendários (Dt 7,1-5).

2) Se é verdade que os redatores deuteronomícos e deuteronomistas escreveram seus textos sobre as guerras de conquista da terra prometida pelo ano 1200 a.C. no final do século VII a.C. e no século VI a.C., então, deve-se perguntar qual era a situação histórica em que estes redatores e seus contemporâneos viviam. Sem entrar muito em detalhes, deve-se afirmar que a segunda parte do século VII

10. LOHFINK, N. Op. cit., 1992, p. 40.

a.C. estava marcada pelo governo do rei Josias (640-609 a.C.) de Judá. Nessa época a potência internacional era a Assíria, mas já em franca decadência. Em vista disso, os redatores deuteronomícos relataram as guerras de conquista da terra prometida sob a liderança de Moisés e de Josué de tal modo que pudessem servir de fundamentação teológica e de estímulo para os soldados israelitas na reconquista do território do Reino do Norte que estava sob o poder do exército assírio desde o ano 722 a.C. E como os soldados assírios eram tremendamente cruéis no tratamento dos povos vencidos, por isso também a guerra dos israelitas no passado contra os cananeus e agora contra os assírios é descrita com a mesma crueldade ou até maior ainda do que a dos assírios no seu modo de fazer guerra e de exterminar populações inteiras.

3) Neste contexto não se pode esquecer que as guerras eram normalmente feitas para ampliar o raio de ação da divindade do respectivo povo. Em vista disso, a guerra dos israelitas contra os assírios fora realizada em nome de Iavé a fim de ampliar o seu domínio. Para, então, destacar que o Deus Iavé é mais forte e mais poderoso do que o deus Marduc dos assírios, a vitória dos israelitas sobre os assírios era relatada de modo muito mais estrondoso do que as vitórias dos assírios. E como estes muitas vezes aniquilavam nas guerras populações inteiras, assim também agora o exército israelita, em nome de Iavé, vai exterminar brutalmente todos os seus inimigos. Este é o contexto histórico que subjaz à passagem em Dt 7,1-2: *Quando Iahweh teu Deus te houver introduzido na terra em que estás entrando para possuí-la, e expulsando nações mais numerosas do que tu – os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os fereseus, os heveus e os jebuseus –, sete nações mais numerosas e poderosas do que tu; quando Iahweh teu Deus entregá-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás ao extermínio. Não farás aliança com elas e não as tratarás com piedade* (Dt 7,1-2).

4) Mesmo situando os textos que falam da violência e do extermínio no seu devido contexto histórico, eles continuam escandalizando. E não há dúvida de que continua chocante a afirmação segundo a qual Deus manda aniquilar pessoas e populações inteiras de cidades e de nações. É quase incompreensível imaginar que um redator israelita pudesse ter escrito este texto: *Saberás hoje que Iahweh teu Deus vai atravessar à tua frente, como um fogo devorador, é ele quem os exterminará e é ele quem os submeterá a ti. Tu, então, os desalojarás e, rapidamente, os farás perecer, conforme te falou Iahweh* (Dt 9,3). N. Lohfink conclui suas ideias a respeito da atribuição dos textos de violência e de extermínio aos redatores deuteronomícos e deuteronomistas nos séculos VII e VI a.C. afirmando: “Num certo sentido, Deus é e permanece um Deus da violência e do aniquilamento de todo o mal. Ele é isto, apesar de ser o Deus da paz e exige dos seus a renúncia à violência”¹¹.

11. LOHFINK, N. Op. cit., 1997, p. 41.

2.3 Violência e extermínio na guerra dos israelitas: “Não deixarás sobreviver nenhum ser vivo” (Dt 20,16)

No estudo do tema da violência e do extermínio no Antigo Testamento, N. Lohfink percebeu um contínuo abrandamento da aplicação do aniquilamento total de pessoas e de populações inteiras de cidades e de nações no decorrer da história do povo de Israel¹². Esta tendência pode também ser confirmada na descrição das guerras do exército israelita em Dt 20¹³. Nestas leis complementares ao quinto mandamento da Lei de Deus pode-se até falar de certa humanização na forma como os soldados israelitas guerreavam e tratavam os povos vencidos. Esta tendência humanista do exército israelita pode-se perceber quando suas ações são comparadas com as manobras bélicas muito cruéis dos exércitos assírio e babilônico, por exemplo. A humanização das leis bélicas em Dt 20 já transparece na forma da composição do exército popular israelita porque certas situações dos soldados justificam sua dispensa da guerra (Dt 20,1-9) e na preocupação ecológica com o tratamento das árvores frutíferas em território inimigo (Dt 20,19-20). A ideologia bélica que subjaz a Dt 20 é a compreensão típica de guerra dos israelitas nos séculos VII e VI a.C. Porque esta é sempre uma “guerra de Iavé”, isto é, ele é o guerreiro principal e os soldados são seu instrumento nas suas mãos a fim de ampliar seu domínio e seu raio de ação (Dt 20,4). Em vista disso, a derrota do exército sempre gerava uma crise de fé na respectiva divindade porque esta era considerada mais fraca e menos poderosa do que os deuses do exército vitorioso.

a) A prescrição em Dt 20,10-18 ordena que o exército israelita devia primeiramente propor a paz à população a ser combatida. Se ela for aceita, então esta população ficará sujeita aos israelitas e assim se evita um possível banho de sangue. Se ela não for aceita, então, deve-se partir para a confrontação direta. Em caso de vitória do exército israelita, apenas os homens aptos para a guerra da população vencida deviam ser exterminados, excetuando-se mulheres e crianças. Os bens desta população derrotada seriam usufruídos pelos israelitas. Esta lei é mais humana no tratamento dos vencidos quando for comparada com os métodos cruéis e desumanos dos assírios e dos babilônios no tratamento das populações vencidas. Mas mesmo assim toda e qualquer guerra é horrível e não se pode justificar o extermínio de pessoas mesmo que sejam apenas os soldados do povo vencido.

Em vista disso, a lei complementar ao quinto mandamento da Lei de Deus em Dt 20,15-18 é chocante e escandalizadora. Porque ela relembra as guerras do exército israelita, nas suas origens, quando combatia contra as nações residentes no país de Canaã. Mesmo que o exército israelita fosse influenciado pelo modo de guerrear dessas nações, não deixa de ser horrível a ordem de aniquilar, em nome de Deus, populações inteiras: *Não deixarás sobreviver nenhum ser vivo*

12. LOHFINK, N. Op. cit., 1997, p. 39.

13. BRAULIK, G. Op. cit., 1992, p. 144-151.

(Dt 20,16). A justificativa apresentada para este massacre não suaviza a crueldade e nem convence a ninguém: *Para que não vos ensinem a praticar todas as abominações que elas praticavam para seus deuses* (Dt 20,18; 2,26-36).

Como já foi dito acima, a guerra com a aplicação do extermínio total da população vencida era rara. O único testemunho extrabíblico é a inscrição da estela do rei Mesa de Moab no século IX a.C. A guerra de extermínio só foi assumida e descrita pelos redatores deuteronomícos e deuteronomistas no final do século VII e no século VI a.C. por causa da forma cruel de guerrear dos assírios e da sua propaganda no sentido de incutir medo nos exércitos a serem combatidos. Esta situação começou a mudar durante o governo do rei Josias porque a Assíria estava entrando em decadência. Sua fraqueza militar ocasionou a convocação de homens israelitas aptos para a guerra e a realização de guerras ofensivas no sentido de reconquistar as cidades israelitas, tanto do Reino do Sul como do Reino do Norte de Israel, atualmente sob o domínio assírio.

b) Um exemplo de confronto militar entre estes dois exércitos é atestado em 2Rs 18,17-37 onde se descreve a missão do copeiro-mor, enviado pelo rei Senaquerib (704-681 a.C.) da Assíria ao rei Ezequias (725-696 a.C.) de Judá, ou a carta de Senaquerib a Ezequias em 2Rs 19,9-19. Nesses textos transparece claramente a propaganda e a tática deles procurando aterrorizar o exército israelita mediante ameaças de extermínio total, em caso de derrota. Contra essas ameaças violentas e terroristas dos assírios reagiram os redatores deuteronomícos e deuteronomistas e redigiram as histórias da ocupação dos territórios de Canaã com o conseqüente extermínio das populações das cidades de Canaã e fora desse país. Essas mesmas histórias do passado, no entanto, deviam insuflar coragem e ânimo no exército israelita no tempo do rei Josias para poder mais rapidamente reocupar os territórios israelitas sob a dominação assíria.

Como os soldados assírios se sentiam enviados pelas suas divindades para expandir o poder e a influência delas pelo mundo a fora, assim também Iavé, o Deus do povo de Israel e do mundo inteiro, é apresentado pelos redatores deuteronomícos e deuteronomistas com ainda maior poder e com ações exterminadoras muito mais abrangentes e eficazes do que as dos deuses assírios. Portanto, as histórias sobre a ocupação da terra de Canaã, no passado longínquo, são relidas e reescritas para motivar os israelitas no tempo do rei Josias a reocupar as cidades israelitas sob o poder do enfraquecido exército assírio¹⁴.

c) Os redatores bíblicos procuraram até justificar o massacre total dos vencidos através de uma suposta lei de Iavé: *conforme Iahweh teu Deus te ordenou* (Dt 20,17). Os estudiosos da Bíblia até hoje não conseguiram encontrar esta prescrição de Deus em todo o Antigo Testamento. No entanto, é possível que os redatores bíblicos tenham entendido a promessa de Deus da conquista da terra

14. BRAULIK, G. Op. cit., 1992, p. 148-151.

prometida em Ex 34,11; 23,23-33 como ordem sua e como aplicação do extermínio total de pessoas e de nações inteiras conforme o texto em Dt 7,1-5: *Tu as derrotarás e as exterminarás*.

d) O exegeta G. Braulik¹⁵ está convencido de que a concepção de guerra em Dt 20 com o aniquilamento total de pessoas e de populações seja uma construção literária dos israelitas e não um relato histórico de alguém que tenha presenciado a realização da guerra contra os cananeus no passado. Esta construção literária era também muito importante para os exilados na Babilônia, cuja causa era o abandono de Iavé na terra prometida. Para que, então, os possíveis sobreviventes dos povos cananeus de outrora no Reino de Judá nunca mais seduzissem os israelitas ao abandono de Iavé e à opção por seus deuses após o fim do exílio, os redatores deuteronomistas reavivaram a antiga prática de guerra das nações residentes em Canaã que era o extermínio total das populações.

e) Neste contexto vale a pena perguntar: qual poderia ter sido o conhecimento dos redatores bíblicos a respeito dos povos cananeus no tempo de Moisés e de Josué pelo ano 1200 a.C.? Para G. Braulik¹⁶, eles provavelmente tinham alguma informação sobre esses povos como elites dominadoras na terra de Canaã, quando o povo de Israel se originou e se formou. A descrição da derrota deles ou do seu extermínio significou talvez apenas a perda da sua autonomia política, econômica e social em Canaã. Eles, durante o reinado de Josias ou durante o exílio, já há muito tempo não existiam mais. E é até muito provável que alguns deles só existiram em textos lendários. Se, no entanto, eles agora são condenados ao extermínio ou consagrados ao anátema, deve-se ao fato de que os israelitas se deixaram seduzir pelos seus deuses. Esta era a verdadeira causa do exílio para os redatores deuteronomícos e deuteronomistas. Para que, então, tal apostasia nunca mais voltasse a acontecer, eles deviam ser completamente exterminados, mesmo nunca tendo existido. Portanto, não está em primeiro lugar e nem se quer o extermínio definitivo em si dessas populações, mas o que se visa erradicar, de uma vez para sempre, é a possível infidelidade a Iavé que seus deuses poderiam provocar nos israelitas do presente e do futuro.

3 Moisés relê seus discursos: Dt 29–30. Não à violência e ao extermínio humano

Quanto mais se estuda o livro do Deuteronomio, tanto mais cresce na pessoa a consciência de que, de fato, o processo de formação dele durou aproximadamente trezentos anos. Nele há textos dos séculos VIII, VII e VI a.C. Ele recebeu

15. BRAULIK, G. Op. cit., 1992, p. 144-150.

16. BRAULIK, G. Op. cit., 1992, p. 149.

adições e releituras atualizando textos mais antigos para épocas posteriores. Em vista disso, para G. Braulik¹⁷, há textos no livro do Deuteronômio que claramente supõem o exílio e que contêm o sonho explícito do regresso dos israelitas exilados na Babilônia para a terra prometida. Estes dois temas se encontram, para ele, em Dt 29–30. Estes releem assuntos do passado, atualizando-os para o presente e também podem corrigir certas opiniões como o problema teológico sério que é a violência e o extermínio de pessoas e de povos, ordenados pelo Deus Iavé, numa linguagem chocante e escandalosa.

A perícopé Dt 30,1-10 é, para ele, “o único texto do Deuteronômio que tematiza expressamente o retorno de Israel do exílio para a sua terra”¹⁸. O contexto literário anterior desta perícopé é Dt 29 que, com Dt 28,69, introduz o terceiro discurso de Moisés aos israelitas. Como Dt 29 forma uma unidade retórica com Dt 30,1-10, por isso, a atenção volta-se primeiramente para Dt 29. Esse capítulo alerta para a possibilidade do exílio, se os israelitas não forem fiéis a Iavé, o Deus da aliança, e aborda o tema da relação do povo de Israel com as nações vizinhas. Aliás, do exílio já se fala claramente em Dt 29,27: *Iahweh os arrancou do próprio solo com ira, furor e grande indignação, e os atirou numa outra terra, como hoje se vê.*

É gratificante perceber na leitura de Dt 29–30, que fala do exílio dos israelitas na Babilônia, do seu término e da reconquista da terra prometida, como seu redator omite todas as referências à violência e ao extermínio das populações na conquista da terra prometida no tempo de Moisés e de Josué narradas no primeiro discurso de Moisés em Dt 1,1–4,43. É um verdadeiro alívio poder ler e constatar que o extermínio das populações residentes na terra de Canaã e todo o tipo de violência praticada pelos israelitas contra elas em Dt 1,1–4,43 são totalmente omitidos em Dt 29,1-8, especialmente nos v. 6-7. Portanto, o Moisés do terceiro discurso em Dt 28,69–30,20 relê e corrige seu primeiro discurso em Dt 1,1–4,43. A sinopse entre Dt 1,1–4,43 e Dt 29,1-8, elaborada por G. Braulik¹⁹, mostra com toda a clareza a omissão dos termos de extermínio de pessoas e de populações inteiras:

17. BRAULIK, Georg. “Die Voelkervernichtung und die Rueckkehr Israels ins Verheissungsland”. In: ID. *Studien zum Deuteronomium und seiner Nachgeschichte*. SBAB 33. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 2001, p. 113-150.

18. BRAULIK, G. Op. cit., 2001, p.136.

19. BRAULIK, G. Op. cit., 2001, p. 137-138.

Dt 1,1–4,43: Israel a leste do rio Jordão	Dt 29,6-7: Releitura da luta com Seon de Hesebon e Og de Basã
1,31b: <i>por todo o caminho que percorrestes até que chegásseis a <u>este lugar</u>.</i>	6a: <i>Viestes até a <u>este lugar</u>.</i>
2,32: <i><u>Seon saiu</u> ao nosso encontro, ele e todo o seu exército para a batalha em Jasa.</i>	6b: <i><u>Saiu Seon</u>, rei de Hesebon.</i>
2,33b: <i>Deus no-lo entregou e seu filho e todo o seu povo</i>	
2,34a: <i>e apossamo-nos de toda a cidade naquele tempo e sacrificamos ao extermínio toda a cidade, varões, mulheres e crianças</i>	
2,34b: <i>não deixamos nenhum sobrevivente.</i>	
3,1b: <i><u>E saiu Og, rei de Basã, ao nosso encontro, ele e todo o seu povo para a guerra em Edrai.</u></i>	6b: <i><u>E saiu Og, rei de Basã, ao nosso encontro para a guerra.</u></i>
3,3b: <i><u>E o combatemos</u> até que nenhum sobrevivente lhe restasse.</i>	<i><u>E o combatemos.</u></i>
3,4a: <i>E apossamo-nos de todas as suas cidades naquele tempo</i>	
3,6a: <i>e as sacrificamos ao extermínio.</i>	
3,6b: <i>e sacrificamos ao extermínio toda a cidade, varões, mulheres e crianças</i>	
3,8a: <i>e tomamos naquele tempo a terra da mão dos dois reis amorreus</i>	7a: <i>e tomamos a sua terra</i>
3,12a: <i>e ocupamos esta terra naquele tempo.</i>	
3,12b: <i>dei-a a Rúben e a Gad</i>	7a: <i>e a demos como herança a Rúben, a Gad</i>
3,13a: <i>e o resto de Galaad e todo o Basã, o reino de Og e dei à <u>meia tribo de Manassés</u>.</i>	7b: <i>e à <u>meia tribo de Manassés</u>.</i>

1) Esta sinopse entre Dt 1,1–4,43 e Dt 29,1-8 demonstra que quase todo o vocabulário de Dt 29,6-7 foi extraído de Dt 1,1–4,43, o primeiro discurso de Moisés. Mas, quão diferente é o linguajar de Moisés no seu terceiro discurso em Dt 28,69–32,52! Ele, no seu primeiro discurso, orienta os israelitas para a conquista dos reis amorreus, a leste do rio Jordão, e lhes aplica, em nome de Iavé, o *herem*, isto é, o extermínio total de Seon e do seu povo, com estas palavras: *Iahweh nosso Deus no-lo entregou e nós o vencemos, com seus filhos e todo o seu povo. Apossamo-nos então de todas as suas cidades e sacrificamos cada uma delas como anátema: homens, mulheres e crianças, sem deixar nenhum sobrevivente*

(Dt 2,33-34). E, além disso, aplica o *herem*, ou seja, o massacre total a Og, rei de Basã, e a seu povo, relatando: *Iahweh nosso Deus entregou em nossa mão também Og, rei de Basã, juntamente com todo o seu povo. [...] Apossamo-nos então de todas as suas cidades. [...] Sacrificamo-las como anátema, como havíamos feito a Seon, rei de Hesebon, anatematizando cada cidade, homens, mulheres e crianças* (Dt 3,3-6). Felizmente, Moisés no seu terceiro discurso releu seu primeiro e percebeu seu grave problema teológico, que é o extermínio de pessoas em nome de Deus, bem como seu linguajar chocante e escandaloso. Em vista disso, ele omitiu em Dt 29,1-8 o relato da guerra de extermínio total dos reis amorreus, Seon e Og, e das suas populações por ordem explícita de Deus. Mas se, porventura, no fim do exílio dos israelitas na Babilônia e no seu regresso para a terra prometida for necessário guerrear para reconquistá-la, este combate não será de extermínio total das nações residentes nela e nem será uma guerra por ordem explícita dele e ele não será o guerreiro principal à frente do exército israelita (Dt 29,6-7). Todas as palavras horrorosas de violência e de extermínio em Dt 1,1-4,43 foram omitidas em Dt 29,1-8. Que releitura transformadora e libertadora!

Esta releitura, no entanto, pode fazer surgir um problema porque tanto o texto em Dt 1,1-4,43 como em Dt 29,1-8 é Palavra de Deus. Qual destes dois textos é a Palavra verdadeira e genuína dele? A resposta é esta: a Palavra de Deus relida e atualizada para outra época é sua Palavra normativa e definitiva. Como Moisés releu seu primeiro discurso em Dt 1,1-4,43 e o modificou sensivelmente no seu terceiro, atualizando-o para a época no fim do exílio dos israelitas na Babilônia, ele se tornou o exemplo de intérprete normativo da Palavra de Deus para outro tempo. Sua releitura de Dt 1,1-4,43 e sua aplicação teológica para outra época em Dt 29,1-8 são exemplo e guia de releitura e de aplicação de Dt 1,1-4,43 também para o nosso tempo. Em vista disso, ninguém mais pode legitimar pela Bíblia e em nome de Deus o massacre de pessoas e de populações inteiras de cidades e de nações como está relatado em Dt 1,1-4,43. A Palavra de Deus, mediada por Moisés em seu terceiro discurso em Dt 29,1-8, proíbe terminantemente todo e qualquer extermínio de seres humanos, mesmo que seja por ordem explícita de uma divindade²⁰. Porque qualquer divindade que manda matar pessoas não é Deus verdadeiro, mas é um ídolo devorador de pessoas inocentes.

2) Moisés no seu terceiro discurso em Dt 29,9-14 igualmente introduz mudanças significativas ao classificar com muitos detalhes os participantes da aliança entre Iavé e os israelitas em Moab. Para que a cerimônia da sua realização tivesse um caráter juridicamente válido, os membros ativos e participantes dela deviam ser especificamente destacados. Em vista disso, os membros convocados por Moisés, desta vez para constituir a assembleia oficial do povo de Israel, contêm surpresas interessantes. Porque, além de mencionar os *chefes das vossas tribos, os anciãos, os escribas e todos os homens de Israel, com vossas crianças e mulheres*, Moisés no seu terceiro discurso inclui, de modo inesperado, o *estran-*

20. BRAULIK, G. Op. cit., 2001, p. 138.

geiro que está no teu acampamento, desde o que corta a madeira até o que tira a água para ti (v. 9-10). Ora, o estrangeiro, o cortador de lenha e o puxador de água não são israelitas, mas fazem parte dos antigos povos cananeus. Moisés, incluindo-os na assembleia oficial dos israelitas no seu terceiro discurso, não só amplia sensivelmente o grupo dos membros oficiais que concluem a aliança com Iavé em Moab, mas relê e corrige textos do seu segundo discurso em Dt 4,44–28,68.

Porque, por exemplo, nestes dois textos Dt 7,1-2 e Dt 20,17 do segundo discurso, Moisés transmite aos israelitas esta ordem de Iavé: *Tu sacrificarás como anátema os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os fereseus, os heveus e os jebuseus. Não farás aliança com eles e não os tratarás com piedade.* Mas que mudança Moisés introduz no seu terceiro discurso em Dt 29,9-14! Porque a aliança entre Iavé e o povo de Israel era um privilégio único e exclusivo dos israelitas. Na perícopa Dt 29,9-14, no entanto, se encontram entre os parceiros oficiais da aliança com Iavé populações cananeias, residentes a oeste do rio Jordão. E, além disso, se estas populações cananeias realizam com os israelitas a aliança com Iavé, juridicamente válida, então, tanto para elas como para os israelitas, o Código Deuteronomico, isto é, o decálogo em Dt 5 e suas leis complementares em Dt 12–26, se tornou a base e a orientação das suas vidas na relação deles com Iavé. Porque Moisés, no seu terceiro discurso em Dt 31,12, convoca oficialmente toda esta população para ouvir o Código Deuteronomico, para aprender a temer a Iavé e para colocá-lo em prática: *Reúne o povo, os homens e as mulheres, as crianças e o estrangeiro que está em tuas cidades, para que ouçam e aprendam a temer a Iahweh vosso Deus, e cuidem de pôr em prática todas as palavras desta Lei* (Dt 31,12; cf. Js 8,35; 9)²¹.

3) Moisés no seu terceiro discurso em Dt 29,15-20 adverte os israelitas diante da possível apostasia de Iavé, optando pelas divindades dos outros povos. Esta decisão deles acarretaria o rompimento da aliança concluída com Iavé em Moab (Dt 29,9-14). Ele, no entanto, ao mencionar os egípcios e outros povos, cujos deuses eram uma constante tentação para os israelitas (v. 15-16), não fala deles de modo pejorativo e negativo e nem os considera inimigos dos israelitas. Ele, surpreendentemente, não adiciona ao termo “Egito” a expressão negativa “casa da escravidão” e nem declara a guerra de extermínio total aos povos, no meio dos quais os israelitas passaram, como, por exemplo, aos reis amorreus, Seon e Og, a leste do rio Jordão. Estas guerras de aniquilamento total são totalmente omitidas em Dt 29,15-20. Aliás, para G. Braulik, esta formulação: *habitamos na terra do Egito*, só aparece em Dt 29,15 e desse país se omite “qualquer conotação de inimizade e opressão”²².

21. BRAULIK, G. Op. cit., 2001, p. 138-140.

22. BRAULIK, G. Op. cit., 2001, p. 140.

E, além disso, Moisés na sua fala em Dt 29,16-17 é tão reservado, retraído e sóbrio quando aponta para os perigos que corre a fé dos israelitas em Iavé. Estes perigos são as tentações das divindades dos outros povos. Esta sua fala aqui é tão diferente daquele seu linguajar horroroso e escandalizante em Dt 7,1-5.25-26. Em Dt 7,25-26 ele até ordena que as imagens dos deuses cananeus sejam queimadas e consideradas como coisa abominável: *Considera-as como coisas imundas e abomináveis, pois elas são anátema.*

4) Moisés no seu terceiro discurso em Dt 29,21-28 descreve a mudança da relação dos povos com os israelitas após estes terem rompido a aliança com Iavé e provocado seu desterro para a Babilônia. Esta mudança em Dt 29,21-28 se percebe muito bem quando se compara esta perícopes com o texto que descreve o relacionamento dos povos com os israelitas em Dt 4,26-28 e Dt 28. Estes dois textos fazem parte tanto do primeiro como do segundo discurso de Moisés e têm como tema a dispersão dos israelitas pelo mundo e sua permanência no exílio. Por isso, enquanto que em Dt 28,49 Iavé fará vir uma “nação longínqua” para executar o castigo contra os israelitas: *uma nação de rosto duro, que não respeita o ancião e não tem piedade do jovem*, ele em Dt 29,21 apenas convocará um “estrangeiro de passagem, *nokry*, de uma terra longínqua” como testemunha qualificada e as “nações” surpresas apenas perguntam pela causa do exílio dos israelitas: *E todas as nações dirão: “Por que Iahweh agiu desse modo com esta terra”? E responderão: “É porque abandonaram a Aliança que Iahweh havia concluído com eles, quando os tirou da terra do Egito”* (Dt 29,23-24).

E, além disso, a fala de Moisés em Dt 4,26 anuncia que o exílio dos israelitas na Babilônia traria um corte total deles com a terra prometida: *sereis depressa e completamente exterminados da face da terra*. Este anúncio do rompimento radical deles com sua pátria é totalmente omitido em Dt 29,21-27. E nesta perícopes também não há nenhuma alusão a respeito da diminuição do seu número durante o exílio como enfatiza Dt 4,27: *Iahweh vos dispersará entre os povos e restará de vós apenas um pequeno número, no meio das nações* (cf. Dt 28,62.64). E, por fim, em Dt 29,21-27 não há nenhuma referência ao castigo dos israelitas porque, segundo se imaginava, eles seriam obrigados pelos povos a adorar forçosamente seus deuses, feitos de madeira e de pedra, como explicita Dt 4,28: *Lá servireis a deuses feitos por mãos humanas, de madeira e de pedra, que não podem ver e ouvir, comer ou cheirar* (cf. Dt 28,36.64).

Moisés, portanto, relê em Dt 29,21-27 o exílio dos israelitas na Babilônia e o compreende de modo muito diferente como ele mesmo o descreveu em seus discursos anteriores. Ele, aliás, fala do exílio em Dt 29,27 de modo discreto, sóbrio e reservado, sem mencionar os horrores explicitados em Dt 4,26-28 e em Dt 28. Sua compreensão do exílio ele resume nestas simples palavras: *Iahweh os arrancou do próprio solo com ira, furor e grande indignação, e os atirou numa outra terra* (Dt 29,27). G. Braulik conclui sua análise da relação dos povos com os israelitas no exílio babilônico assim: “A destruição como ameaça a Israel por

causa do rompimento da aliança já foi amplamente diminuída numa passagem programática e os povos são totalmente inocentados pela existência de Israel na diáspora²³.

5) A respeito da perícopes Dt 30,1-10 o biblista G. Braulik²⁴ observa que ela é o único texto no Deuteronômio que trata explicitamente do exílio dos israelitas na Babilônia. Ele é literariamente a sequência de Dt 29,21-28 e em termos de conteúdo está relacionado com Dt 4,27-30 e Dt 28,62-68. A relação de Dt 28,62-68 com Dt 30,1-10 se percebe claramente porque as maldições elencadas nele são transformadas em bênção em Dt 30,1-10. Esta perícopes é, de fato, uma releitura de Dt 4,27-30 e de Dt 28,62-68 e descreve o êxodo da Babilônia e a nova ocupação da terra prometida de forma muito diferente dos outros dois textos. G. Braulik²⁵ destaca que o êxodo dos israelitas da Babilônia narrado em Dt 30,1-10 não tem nenhuma conotação bélica como tinha o relato do êxodo deles do Egito. Este é comparado em Dt 4,20 com a imagem da “fornalha de ferro” e em Dt 4,34 ele aconteceu através de sete ações violentas e bélicas de Iavé. No entanto, o êxodo dos israelitas da Babilônia, relatado em Dt 30,4-5, não contém nenhuma resistência violenta e nem se fala do emprego da força: *Ainda que tivésseis sido expulsos para os confins do céu, de lá te reuniria Iahweh teu Deus, e de lá te tomaria para te reintroduzir na terra que os teus pais possuíram, para que a possuas; ele te fará feliz e te multiplicará mais ainda que os teus pais.*

Se o êxodo da Babilônia é tão diferente da saída dos israelitas do Egito, então pode-se também supor que o relato do retorno da Babilônia e da reocupação da terra prometida seja diferente. De fato, a reintrodução de Israel na terra prometida narrada em Dt 30,5 se deu sem a guerra de extermínio total das nações. Esta reocupação da pátria querida não acontecerá através do aniquilamento delas como aquele aplicado outrora aos povos residentes em Canaã, segundo o testemunho em Dt 7,1-5 e Dt 9,3-4, mas será uma reunião dos israelitas na terra prometida de todos os cantos do mundo.

Conclusões

Partindo do princípio de que os meios não justificam o fim, pode-se concluir que é altamente questionável a atitude dos redatores bíblicos que, para justificar a reconquista dos territórios dos reinos do Norte e do Sul de Israel sob a dominação dos assírios no tempo do rei Josias, descreveram a conquista da terra prometida no tempo de Moisés e Josué através da aplicação do extermínio total das nações cananeias por ordem explícita de Deus.

23. BRAULIK, G. Op. cit., 2001, p. 144.

24. BRAULIK, G. Op. cit., 2001, p. 144-149.

25. BRAULIK, G. Op. cit., 2001, p. 147.

Outra conclusão deste estudo é a convicção clara de que a violência e o extermínio de qualquer ser humano são um barbarismo injustificável, mesmo que proceda da ordem de uma divindade. Porque o deus que manda exterminar seres humanos não é verdadeiro Deus, mas um ídolo devorador de inocentes.

Este estudo também permite concluir que quem evita tematizar a terrível realidade da violência e do massacre de pessoas está talvez apenas ocultando sua verdadeira tendência interna, violenta e exterminadora de pessoas. Todo o tabu e todo o encobrimento da violência e do extermínio de pessoas devem ser decididamente desmascarados.

Outra conclusão necessária e imperativa é o fato de que toda a violência interna da pessoa deve ser canalizada para acabar com toda e qualquer forma de mal e exterminar todo e qualquer tipo de injustiça, de desamor e de desonestidade.

Referências

BRAULIK, Georg. “Die Voelkervernichtung und die Rueckkehr Israels ins Verheissungsland”. In: ID. *Studien zum Deuteronomium und seiner Nachgeschichte*. SBAB 33. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 2001.

BRAULIK, Georg. *Deuteronomium II 16,1–34,12*. NEB 28. Kommentar zum Alten Testament. Wuerzburg: Echter Verlag, 1992.

_____. *Deuteronomium 1–16,17*. NEB 15. Kommentar zum Alten Testament. Wuerzburg: Echter Verlag, 1986.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. V. 2. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, 1997.

LOHFINK, Norbert. “Der ‘heilige Krieg’ und der ‘Bann’ in der Bibel”. In: Georg Braulik (org.). *Materialien zur Fundamentalexegese des Alten Testaments*. Wien. Manuscrito impresso, 1997, p. 33-41.

_____. *Verbetes haram/herem – Theologisches Woerterbuch zum Alten Testament III*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1982, p. 192-213.

ZENGER, Erich. *Ein Gott der Rache? – Feindpsalmen verstehen*. Freiburg/Basel/Wien: Herder, 1998.

kramer_pedro@yahoo.com